



FÓRUM TEMÁTICO - OPORTUNIDADES E DESAFIOS DAS PRÁTICAS E DA GESTÃO DE ENSINO DE ADMINISTRAÇÃO A DISTÂNCIA

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM ADMINISTRAÇÃO: OLHARES SOBRE AS PESQUISAS, VIVÊNCIAS E PERSPECTIVAS

DISTANCE EDUCATION IN ADMINISTRATION: VIEWS ON RESEARCH, EXPERIENCES AND PERSPECTIVES

EDUCACIÓN A DISTANCIA EN ADMINISTRACIÓN: VISIONES DE INVESTIGACIÓN, EXPERIENCIAS Y PERSPECTIVAS

Maria Auxiliadora Soares Padilha, Dra.
Universidade Federal de Pernambuco/Brazil
dorapadilha@gmail.com

Diogo Henrique Helal, Dr.
Universidade Federal da Paraíba/Brazil
diogohh@yahoo.com.br

José Ricardo Costa de Mendonça, Dr.
Universidade Federal de Pernambuco/Brazil
jrcm@ufpe.br

RESUMO

O artigo discute as perspectivas de agendas de pesquisa sobre Educação a Distância na área de Administração. Além disso, realizou-se uma análise, a partir do olhar do pesquisador de EAD sobre as discussões realizadas por pesquisadores da área de Administração. A seguir, apresenta-se uma discussão teórica sobre a EAD no Ensino Superior no Brasil e as possibilidades de pesquisa na área de Administração, desta temática. Os resultados da análise e as considerações finais são também tratados no artigo. Por fim, são apresentados os sete artigos que compõem este fórum temático.

Palavras-chave: Educação a Distância; Administração; Pesquisa.

ABSTRACT

The article discusses the perspectives of research agendas on Distance Education in the Administration area. In addition, there was an analysis, from the look of the DE researcher on discussions conducted by Administration researchers. It is presented, also, a theoretical discussion on DE in Graduation Education in Brazil and the possibilities for research in the area of administration, about this issue. The results of the analysis and the final considerations are also addressed in the article. Finally, we present the seven articles that make up this thematic forum.

Keywords: Distance Education; Administration; Research.

RESUMEN

El artículo analiza las perspectivas de los programas de investigación sobre educación a distancia en el área de administración. Además, se realizó un análisis, desde el aspecto del investigador de EAD en las discusiones llevadas a cabo por investigadores de Administración. A continuación se presenta una discusión teórica de la EAD en la enseñanza superior en Brasil y las posibilidades para la investigación en el área de la administración,

en este tema. Los resultados del análisis y las consideraciones finales también se abordan en el artículo. Por último, se presentan los siete artículos que componen este foro temático.

Palabras clave: Educación a Distancia; Administración, Investigación.

1 INTRODUÇÃO

Desde 2005, com a criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB) que a Educação a Distância (EAD) em nosso país tornou-se efetivamente uma opção para oferta de cursos de graduação nas universidades públicas.

Modalidade não muito recente, mas revestida de significados e de práticas atualizadas e inovadoras diante do contexto tecnológico de nossa sociedade digital, a EAD, em seu estágio atual, provoca mudanças nas práticas docentes e nas formas de ensinar e aprender.

Especificamente o Curso de Administração e áreas afins têm sido pioneiros na ampliação desta modalidade no Brasil com a oferta de cursos no Ensino Superior, seja na graduação ou na Pós-Graduação, além de extensão e atualização.

Nessa perspectiva, é fundamental conhecer como estão ocorrendo as práticas docentes nos diversos espaços da educação superior em Administração. Campanario, Plonski e Garcia (2010), por exemplo, ressaltam a importância de termos de pesquisas relacionadas às temáticas ligadas à Educação a Distância, no campo das ciências sociais aplicadas. É neste sentido que a G&P convida os pesquisadores da área a contribuir para a ampliação da discussão desta temática, que merece investimento em pesquisa e difusão de conhecimento.

2 A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL

Embora seja uma modalidade antiga e já bastante utilizada no Brasil, a Educação a Distância passou a ser vista de forma menos preconceituosa a partir de sua citação no texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), mais precisamente, no artigo 80, estimulando que esta modalidade seja incentivada nos diversos níveis de ensino. Até então, a EAD, sempre foi utilizada, em sua maioria, para cursos livres e profissionalizantes e promovidos por instituições privadas como o Serviço Nacional de Aprendizagem (SENAC) e o Instituto Universal Brasileiro. A partir desse acontecimento foi, então, institucionalizada e regulamentada nas universidades públicas brasileiras com a finalidade de ampliar o acesso mais democrático ao Ensino Superior.

Para efetivar este estímulo, com a criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB), foi publicado o primeiro edital que aceitava propostas de cursos de graduação por universidades públicas do país. Um dos cursos escolhidos pelo o edital foi o Curso de Graduação em Administração, ofertado em consórcio por 27 instituições públicas de ensino.

De lá para cá, a Educação a Distância (EAD) vem crescendo substancialmente no Brasil e no mundo, com grande variedade de modelos de ensino, práticas diferenciadas, experiências exitosas e outras, nem tanto. Os cursos de Administração a distância continuam sendo ofertados e as práticas de EAD são utilizadas também em outros cursos superiores e em outras experiências de gestão da informação, de marketing, etc. Dessa forma,

diversos pesquisadores têm-se debruçado sobre esta temática, buscando entender a sua repercussão nas diversas áreas do conhecimento.

Magnavita (2012, p.57) considera que “a discussão sobre EAD ganha um destaque maior, justamente pela possibilidade de contribuir com o debate sobre redução tanto das desigualdades educacionais, como das distâncias entre as diversas esferas e sistemas de educação”.

O que pretendemos, neste artigo, é discutir as perspectivas de agendas de pesquisa sobre EAD na área de Administração. Além disso, realizaremos uma análise, a partir do olhar do pesquisador de EAD sobre as discussões realizadas por pesquisadores da área de Administração.

A seguir, apresentaremos uma discussão teórica sobre a EAD no Ensino Superior no Brasil e as possibilidades de pesquisa na área de Administração, desta temática. Os resultados da análise e as considerações finais serão tratados neste artigo. Por fim, serão apresentados os sete artigos que compõem este fórum temático.

3 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E ENSINO SUPERIOR

A educação a distância é uma modalidade de ensino que está muito presente na nossa sociedade devido à diversidade de meios tecnológicos que são inseridos para mediar o processo de ensino aprendizagem, bem como amenizar a distância entre docentes e alunos.

Porém, a educação a distância já tem um grande caminho percorrido, não tão longo como o do ensino tradicional, mas não menos importante. A sua institucionalização é bastante recente, pois apenas a partir do final do século XX a EAD firmou-se através de instituições particulares nos Estados Unidos, onde estas ofereciam cursos por correspondência com o objetivo de profissionalizar, não tendo o reconhecimento da sociedade, sendo mais um meio para se conseguir mão de obra qualificada em pouco tempo.

Segundo (LITWIN, 2001) apenas na década de 1960, através da criação da Universidade de Wincosin, norte-americana, criada com o objetivo de oferecer estudos a distância, bem como a Open University da Grã-Bretanha, utilizado-se de meios impressos, foi possível derrubar os preconceitos e vencer os desafios, bem como propor cursos que em nada deixavam a desejar do ensino presencial.

Na América Latina a EAD surgiu com a Universidade Aberta da Venezuela e a Universidade Estatal da Costa Rica, entre outras, que foram instituições que adotaram o modelo inglês de produção e implementação de cursos a distância.

O Brasil, assim como outros países da América Latina, aderiu mais lentamente a esta modalidade de ensino, tendo como representante a Universidade de Brasília, que assim como as demais buscavam uma educação mais democrática.

Esta modalidade de ensino em se tratando do Brasil veio responder a necessidades vigentes no país como o acesso a democratização do ensino a camadas da sociedade que não foram alcançadas pelo ensino presencial, principalmente pelo tamanho do território brasileiro.

Prova do investimento nesta modalidade para a democratização do ensino no Brasil é o incentivo da União para credenciar instituições autorizadas a oferecer cursos a distância (BRASIL, 2001), acreditando assim, na contribuição positiva da educação para mudanças na realidade educacional do Brasil, principalmente na ampliação do Ensino Superior.

Pensar neste aspecto é fundamental para um país continental como o nosso, entretanto, é necessário também considerar a diversidade pedagógica que a modalidade permite. O desafio da universidade brasileira, neste sentido, não é apenas universalizar o conhecimento, mas também promover a inovação, modernizando o ensino superior e tornando-o mais adequado ao contexto informacional e tecnológico atual.

Além disso, a universidade brasileira precisa reconhecer que o seu aluno, hoje, é bem diferente dos alunos de uma ou duas décadas atrás. Padilha e Cordeiro (2012) afirmam que os docentes universitários precisam repensar suas práticas, considerando o perfil de seus novos alunos e da introdução das tecnologias nas salas de aula do ensino superior. Além disso, afirmamos que deve haver um movimento na gestão universitária, reconhecendo essa nova conjuntura social e educacional.

Para o modelo de universidade moderna que temos hoje, a ciência e a tecnologia são elementos centrais. Para Georgen (2005) a universidade passa por uma crise que acontece em três dimensões: a crise conceitual, a crise contextual e a crise textual. Em todas essas dimensões a tecnologia é um elemento fundamental.

A crise conceitual refere-se ao conceito de universidade que se tem, no que tange aos cursos, instalações e corpo docente adequados. A crise contextual são as relações estabelecidas entre sociedade e universidade a partir das profundas transformações que ocorrem atualmente. Já a crise textual diz respeito aos conteúdos, formas de ensino e sua relação com a ciência e a tecnologia.

Essa universidade, que está baseada na lógica da modernidade, acaba reforçando a perspectiva de uma academia comprometida muito mais com a perpetuação de um sistema pragmático e mercadológico do que para uma maior humanização do homem e da sociedade.

Para Dias Sobrinho (2005, p. 22) a universidade é “um dos maiores motores de aprofundamento da crise”. Portanto, cabe-nos, enquanto docentes universitários, compreender o papel da universidade na crise estrutural da sociedade e, principalmente enquanto atores efetivos nesse contexto, promover a formação dos sujeitos conscientes desse novo cenário, para que sejam profissionais competentes em suas áreas de trabalho, mas comprometidos com o desenvolvimento de uma sociedade mais humana e colaborativa.

A EAD vem crescendo exponencialmente, principalmente nas instituições de Ensino Superior privado, buscando responder à esta exigência do mercado. Contudo, a universidade pública precisa investir em formação de pessoas e recursos tecnológicos de ponta, para responder à altura, que é possível fazer EAD com qualidade e responsabilidade, apoiando-se numa perspectiva mais progressista e humanizada.

Para termos uma melhor compreensão do que realmente pode ser feito e está sendo realizado nesta área é fundamental conhecer as perspectivas de agenda de pesquisas e identificar como as áreas do conhecimento, especificamente, podem contribuir para o estabelecimento de práticas mais adequadas não somente às exigências pontuais, mas também, as mais gerais.

4 AGENDAS DE PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Pretendemos neste texto apresentar olhares sobre as características mais presentes nas pesquisas, vivências e trabalhos sobre EAD na área de Administração e Contabilidade. Ao longo de vários anos pesquisando e orientando sobre EAD e também ensinando nesta modalidade é possível identificar alguns

elementos que, muitas vezes parecem futilidades acadêmicas, mas que podem dizer muito das concepções e práticas de um pesquisador-docente.

Um desses aspectos que saltam aos olhos do pesquisador mais experiente em EAD ao analisar textos de outras áreas que falam sobre esta modalidade, seja do ponto de vista da docência, da aprendizagem, dos métodos ou das práticas, é a nomenclatura utilizada para denominar a mesma.

Numa pesquisa feita nos artigos do Encontro Nacional de Pesquisadores em Administração (ENANPAD) tivemos que usar várias palavras-chaves para identificar os trabalhos que tinham como objetivo investigar a modalidade. Utilizamos as seguintes palavras-chave: Educação a distância, Ensino a distância, Educação online, E-learning. Nota-se, neste caso, uma grande confusão que demonstra concepções de educação diferenciadas ou, simplesmente, desconhecimento do que cada uma dessas expressões carrega em si.

Magnavita (2002, p. 57), ao abordar as limitações da EAD, destaca: “uma das primeiras limitações encontradas começa com sua própria conceituação. Podemos encontrar definições em que a EAD é vista Como: ‘modalidade alternativa de ensino’, ‘sistema tecnológico de comunicação massiva e bidirecional’, ‘modalidade pedagógica’, ‘prática educativa mediatizada’.

Ao falarmos de Educação a Distância estamos falando da modalidade, regulamentada e legalizada pelo Ministério da Educação em vários de seus documentos. Entretanto, esses mesmos documentos dão margem à essa confusão, quando não estabelecem uma mesma nomenclatura. Por exemplo, o artigo 80 da Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional afirma que

O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de *programas de ensino a distância*, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada (BRASIL, 1996, grifos nossos).

Já o Decreto 5.622 de 19 de dezembro de 2005 que regulamenta o artigo 80 da lei anteriormente citada, define, em seu artigo primeiro, que

Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a educação a distância como *modalidade educacional* na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005, grifos nossos).

Neste sentido, observa-se que, na verdade, a Lei de Diretrizes e Bases, redigida, em sua maior parte, por legisladores e não educadores preocupados com as concepções de educação que tal documento deveria preconizar, não apresenta o cuidado com tal definição.

Já o decreto n. 5.622/2005, que regulamenta o artigo da LDB, em nenhum momento apresenta essa confusão. A palavra ‘ensino’ só aparece quando se trata de ‘instituições de ensino’ ou ‘sistemas de ensino’ e, quando se refere à modalidade, só se utiliza a expressão ‘educação a distância’. Trata-se de um documento que possui uma abordagem pedagógica subjacente, onde o aluno é o sujeito de sua aprendizagem e o foco do processo educativo não é o aluno nem tampouco o professor, mas sim o ‘processo da aprendizagem’, embora sua concepção de avaliação ainda seja questionável, considerando a obrigatoriedade do exame presencial.

Da mesma forma, quando usamos a expressão ‘ensino a distância’ carregamos nessa expressão o peso no ‘ensino’ e, neste caso, focamos nosso olhar para o professor, preocupando-nos muito mais com os processos de ensino e, não necessariamente, com a ‘aprendizagem’ ou com o aluno. Demonstramos estar mais preocupados com a forma como ensinamos e não se nosso aluno aprende. A centralidade do processo educativo está em ‘como eu ensino’ e não em ‘como meu aluno aprende’.

Na verdade, uma coisa tem que estar atrelada à outra e, por isso, Anastasiou (2006, p. 3) utiliza o termo “ensinagem” para designar

uma situação de ensino da qual necessariamente decorra a aprendizagem, sendo a parceria entre professor e alunos condição fundamental para o enfrentamento do conhecimento necessário à formação do aluno durante o cursar de graduação.

Neste sentido, o ideal não é nem um extremo, nem outro. Mas sim, pensarmos que quando estamos falando em modalidade podemos falar em “Educação a Distância” ou “Educação presencial” ou “Educação semi-presencial”, mas não em “Ensino a Distância” ou “Ensino presencial”. Pelo menos, se nossa concepção de educação for baseada numa abordagem que privilegie a construção de conhecimentos em detrimento da mera reprodução de conteúdos (BEHRENS, 2003).

Já o termo “Educação online” tem causado grandes confusões não apenas nas áreas que margeiam a educação, mas dentro dela mesma. Para alguns, a Educação online nada mais é do que um modelo de Educação a distância (MORAN, 2007). Para outros autores, a Educação online não é uma simples evolução da EAD, mas um fenômeno da cibercultura, com uma outra lógica comunicacional (SANTOS, 2009).

O fato é que no primeiro, a concepção de educação pode modificar as práticas e, inclusive a ‘lógica comunicacional’ entre estudantes, professores e conhecimento, acreditando que é possível uma outra prática nos mesmos ambientes, seja presencial ou virtual. Já na segunda visão, a realidade cibercultural cria uma nova configuração e, neste caso, uma nova prática é necessária para uma outra cultura.

Neste caso, a confusão é justificável, tendo em vista que o fenômeno cibercultural ainda não está, totalmente, esclarecido para todos, no que tange às possibilidades de construções e análises teóricas.

Já quando falamos em e-learning estamos nos referindo também a um modelo de educação a distância. Neste caso, o destaque está nos recursos eletrônicos utilizados e, também, trata-se de um termo bastante afeito à área de administração, tendo em vista o histórico da utilização desse modelo na educação corporativa.

Magnavita (2002, p. 59) considera que

uma outra questão relevante é a relação EAD e Tecnologias da Informação e Comunicação. Criou-se uma espécie de encantamento com as tecnologias. Um encantamento positivo de um lado, quando se visualiza as novas possibilidades que oferecem no campo educativo, nas capacidades que têm de modificar conceitos de tempo e distância, propiciando uma interação muito mais intensa. E de outro, corremos o risco da alienação, da crença ilimitada. Como educadores, não podemos fechar os olhos aos progressos e avanços das tecnologias ou permanecer extasiados com o que podem oferecer. Por isso é fundamental verificarmos até que ponto os cursos ou programas propostos, propiciam o diálogo, a interatividade. E se estão ao alcance do público a quem foi proposto, se não cometeremos um equívoco.

Outro aspecto que merece destaque nos trabalhos sobre EAD em Administração e Contabilidade é a adaptação da modalidade à modelos teóricos usualmente trabalhados na área.

O modelo de competências, o modelo de aceitação de tecnologia, o modelo de percepções, modelos de aceitação, motivação, entre outros, são exemplos de como a área busca adaptar seus conhecimentos aos 'modelos de educação a distância' que surgem no meio educacional. Isso demonstra, a meu ver, a habilidade da área em absorver e inovar os conhecimentos gerados por outras áreas e que são necessários à continuidade da geração de seus próprios conhecimentos.

A grande dificuldade que visualizamos neste intento, e por experiência própria, é a incapacidade das outras áreas, em especial, a de educação, de 'conversar' e aceitar a transdisciplinaridade com outras áreas, o caso específico aqui tratado, a área de Administração. Observamos até então, a centralização dos objetos de conhecimento como: formação, didática (mesmo que específica), aprendizagem etc., por alguns profissionais da educação, como se apenas à essa área fosse dada a condição de discutir sobre esses conteúdos.

No entanto, observamos que, no que tange ao Ensino Superior, mesmo considerando a pouca formação pedagógica que a maioria dos professores de cursos de bacharelados possuem, todos são professores. Com mais ou menos conhecimentos ou formação pedagógica, mas, professores que vivenciam a cada dia o crescimento ou dificuldades de aprendizagem de seus alunos de graduação e/ou pós-graduação. Então, se esses professores se arriscam a pesquisar e estudar sobre educação, devem ser respeitados. E, seus estudos que relacionam conhecimentos específicos da área de administração e contabilidade com conteúdos de educação, são válidos e confiáveis, pois possuem esforço e criatividade teórica. São validados em bancas, congressos, pesquisas etc e, portanto, têm validade e viabilidade científicas.

O que percebemos de muito positivo nestes intentos é a objetividade desses estudos, que nem sempre são metodologias utilizadas pela educação. Neste caso, muitas vezes, não conseguimos delimitar prós e contras com maior clareza, diante do cuidado, muitas vezes extremo, que os estudos em educação têm com dados quantitativos ou objetivos. É preciso, porém, ter muito cuidado com respostas muito extremas e, por isso, é necessária uma relativização dos resultados obtidos diante das realidades e contextos multivariados e complexos, principalmente considerando as diversas áreas do conhecimento e as suas especificidades científicas.

Neste sentido, observamos que as áreas de Educação e Administração percorrem caminhos paralelos que precisam se cruzar urgentemente, tendo em vista que o objetivo de cada uma delas é fomentar trabalhos de qualidade e confiáveis, que tragam inovações viáveis e boas repercussões no ensino superior, seja a distância, seja presencial.

5 APRESENTANDO O FÓRUM TEMÁTICO

Planejar e executar este fórum foram, sem dúvidas, atividades prazerosas. Nosso intuito foi estimular e provocar um debate sobre o EAD em Administração e Contabilidade, face ao uso diverso que a modalidade tem em nosso país. Felizmente, a nossa comunidade acadêmica atendeu ao chamado e respondeu com a submissão de vários artigos de qualidade. Foram submetidos 26 artigos, no total. Destes, 18 foram rejeitados, 8 aceitos e 7 publicados.

O primeiro artigo, "O Estado do Conhecimento sobre Educação a Distância (EAD) em Administração: por onde caminham os artigos", de Fernanda Roda Cassundé e Nildo Cassundé Junior, busca identificar o estado da arte das publicações sobre EAD em Administração nos eventos organizados pela ANPAD. A partir das

análises foi possível identificar que a maioria dos artigos versa sobre os aspectos pedagógicos da educação a distância e são voltados para educação profissional. A análise sugere também que não foi possível identificar uma elite de pesquisadores responsável por um volume de produção científica sobre educação a distância em Administração. Desse modo, os resultados poderão ser úteis na análise de tendências da atual produção científica como ao mesmo tempo para instigar os rumos de futuros trabalhos.

A seguir, Joysi Moraes, Sandra Mariano e Eliabe Moura, em “Darcy Ribeiro e a democratização do ensino superior: perspectivas da EAD na Administração” buscaram identificar, a partir de um estudo bibliométrico, se o Brasil está caminhando para a “universidade necessária”, atualizada e sincronizada com a sociedade. Para Darcy Ribeiro, a EAD seria um dos pilares desta universidade inclusiva. As autoras concluem que, nos cursos de Administração, a educação a distância se mostrou uma modalidade que facilitou a inserção de mais pessoas no ensino superior, funcionando de forma complementar a educação presencial.

O terceiro artigo, de Kely Paiva, Andreia Santos e Valéria Barros, analisa as percepções de discentes e docentes do curso de graduação em Ciências Contábeis de uma instituição particular mineira, relativas à educação a distância (EAD). A partir da pesquisa, observou-se que a plataforma moodle é vista pelos pesquisados como ferramenta complementar e de apoio para parte dos entrevistados e sua influência na formação dos alunos é tímida, observando-se significativa resistência por parte dos sujeitos quanto à EAD e maior preferência por aulas presenciais. Nas atividades de EAD, foi constatada maior interação, troca de experiências e informação por parte dos alunos, quando comparados aos professores. Dentre as competências docentes mais exigidas na EAD, destacam-se os conhecimentos de informática. A falta de tempo e a rejeição pelo novo foram pontos realçados pelos entrevistados.

Em “Mobile Learning: o caso de uma universidade privada de uma capital do Nordeste”, Lenin Guerra, Cláudio Mendonça, Tereza Souza, Antônio Sérgio Fernandes e Manoel de Souza Neto analisam a experiência em m-learning em uma Universidade privada do nordeste, que forneceu dispositivos móveis de acesso a internet (iPods Touch) para os alunos ingressantes do curso de Administração em 2009. Os resultados da pesquisa mostraram que boa parte dos alunos continua utilizando o iPod Touch recebido e o utilizam para acessar conteúdos acadêmicos, sobretudo da plataforma acadêmica da Universidade. Os dados mostram que os alunos avaliaram positivamente a iniciativa de mobile learning e afirmaram que passaram a acessar com maior frequência o material acadêmico após terem recebido o dispositivo, mas que isso não é um elemento decisivo ao se avaliar o ensino da IES. Por fim, identificou-se que boa parte dos professores não incentivou os alunos a utilizarem o dispositivo, o que é um fator a ser considerado por outras IES ao investirem na mobile learning.

Em seguida, Heitor Barros e Denise Souza, no artigo “E-Mentoring entre Tutor e Aluno de Pós-Graduação em Administração na Educação a Distância”, investigam como ocorre a relação de e-mentoring entre tutor e aluno (mentor-mentorado) de pós-graduação em administração na modalidade educação a distância. Os resultados revelaram que o professor tutor pode fornecer apoio de carreira e psicossocial para o aluno mentorado em um curto prazo de tempo, divergindo dos estudos de Kram (1985). As funções de carreira apresentaram uma maior evidência quando comparada às funções psicossociais, e a simpatia e o carisma do tutor foram considerados um fator determinante na escolha do mentor. Por fim, o artigo mostrou que a mentoria virtual traz melhoria na qualidade do relacionamento entre professor tutor e aluno.

O artigo “Adoção de Inovação Tecnológica em Educação a Distância”, de Petruska Machado, Carlo Bellini e José Carlos Leite, investiga, a partir de um survey aplicado a 162 professores de EAD na Universidade Federal da Paraíba Virtual, o processo de adoção de inovação tecnológica em educação a distância (EAD) por meio de um modelo de fatores relacionados ao comportamento de professores em um ambiente virtual de aprendizagem. O modelo conceitual de pesquisa é baseado na teoria da difusão da inovação (IDT) e no modelo de aceitação da tecnologia (TAM), estabelecendo relações entre as características percebidas de uma inovação tecnológica específica (Moodle) e a atitude e a intenção de professores sobre adotá-la. Resultados indicam que quatro construtos IDT parecem explicar variações em atitude e intenção de adoção da tecnologia por professores: avanço relativo e compatibilidade com estilo de trabalho (que convergiram para um único fator), visibilidade, e demonstrabilidade de resultado. Isso significa que as variações em atitude e intenção são explicadas pela maneira como os professores percebem que a ferramenta (Moodle) é útil e compatível com o estilo de trabalho, como a ferramenta está sendo utilizada, e como os resultados são vistos por outras pessoas.

Por fim, Renata Baldanza e Nelsio Abreu, em “Interação Mútua e Web 2.0: Grupos Focais On-line como Ferramenta Potencializadora da Construção Participativa em Ambientes Virtuais de Aprendizagem”, aproximam os conceitos de interação mútua e Web 2.0 com a prática de grupos focais on-line, como forma de construção participativa do conhecimento. A partir de tal conexão, os autores buscam entender como esta técnica, que tem como sua base principal a possibilidade de interação mútua, pode auxiliar na concretização do formato Web 2.0 em tais ambientes. Neste sentido, como resultados, apresentam-se parâmetros que poderão nortear a utilização dos grupos focais on-line em ambientes virtuais de aprendizagem, apontando-o como uma ferramenta potencialmente eficaz na construção colaborativa do conhecimento.

Esperamos que a leitura dos artigos neste fórum possa ampliar as reflexões e o debate sobre a Educação a Distância no Brasil.

Artigo submetido para avaliação em 22/08/2012 e aceito para publicação em 28/08/2012

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 6.ed. Joinville, SC: Univille, 2006.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 3. ed. Curitiba: Champagnat, 2003.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Lei n. 10.172, de 09 janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2001.

BRASIL. Decreto-Lei 5.622/05. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec_5622.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2007.

CAMPANÁRIO, M. A.; PLONSKI, G. A.; GARCIA, M. N. A Proposta de Pesquisa do Pró Administração: os Desafios do Ensino de Inovação e Sustentabilidade no Brasil. In: MORETTI, S. L. A. (Org.). **Ensino e Pesquisa em Administração**: propostas sobre a capacitação docente. São Paulo: Ottoni, 2010. p. 17-47.

DIAS SOBRINHO, José. **Dilemas da educação superior no mundo globalizado: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

GOERGEN, P. L. Prefácio. In: DIAS SOBRINHO, J. **Dilemas da educação superior no mundo globalizado: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

LITWIN, Edith. **Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

MAGNAVITA, Cláudia. Educação a Distância: desafios pedagógicos. In: ALVES, Lynn Rosalina Gama e NOVA, Cristiane. (Org.). **Educação e tecnologia: trilhando caminhos.** Salvador: UNEB, 2002.

MORAN, José Manuel. **Os Modelos Educacionais na Aprendizagem On-Line**, 2007. Disponível em < <http://www.eca.usp.br/prof/moran/modelos.htm> > Acesso em: 4 fev. 2010.

PADILHA, Maria Auxiliadora Soares; CORDEIRO, Telma de Santa Clara. **Inovação pedagógica e uso de recursos didáticos tecnológicos: significados e perspectivas na formação continuada de docentes universitários.** No prelo.

SANTOS, Edméa. **Educação Online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura.** Actas do 10 Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009.